

EM TEMPOS REMOTOS: O ACESSO, AVANÇOS E O PAPEL DO ARQUIVISTA

E-mail:
salcedo.da@gmail.com
josemarhenrique@gmail.com
sanderson.domeles@gmail.com

Diego Andres Salcedo¹, Josemar Henrique de Melo², Sânderson Lopes Dorneles³

RESUMO

Trata da roda de conversa gravada no dia 02 de junho de 2020 e realizada pelo curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), inserida na 4ª Semana Nacional de Arquivos, proposta pelo Arquivo Nacional. Os debatedores foram os professores da UEPB, Danilo de Sousa Ferreira, Josemar Henrique de Melo e o professor Diego Andres Salcedo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O mediador foi o professor Sânderson Lopes Dorneles da UEPB. Versou sobre as tecnologias nos procedimentos de acesso aos acervos e à formação dos arquivistas para este novo formato. Este evento foi realizado *on line* devido à pandemia de covid-19, portanto, está disponível para acesso na página do Projeto Seminários de Saberes Arquivísticos (SESA) no Youtube.

Palavras-Chave: Arquivologia. Acesso Remoto. Acervos Arquivísticos.

ABSTRACT

It deals with the conversation wheel recorded on June 2, 2020 and held by the Archivology course at the State University of Paraíba (UEPB), inserted in the 4th National Week of Archives, proposed by the National Archives. As debaters were professors from UEPB, Danilo de Sousa Ferreira, Josemar Henrique de Melo and professor Diego Andres Salcedo from the Federal University of Pernambuco (UFPE). The mediator was Professor Sânderson Lopes Dorneles from UEPB. It dealt with technologies in the procedures for accessing collections and the training of archivists for this new format. This event was held online due to the covid-19 pandemic, so it is available for access on the Archival Knowledge Seminar Project (SESA) page on Youtube.

Keywords: Archival science. Remote access. Archival Collections

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5936-279X>

² Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa-PB. Brasil.

³ Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa-PB. Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3888-2841>

1 INTRODUÇÃO

A Semana Nacional de Arquivos (SNA) é um evento estabelecido com estratégias e ações para incentivo da difusão de acervos arquivísticos em diferentes linguagens e suportes, que consta no objetivo nº 4 do Plano Nacional de Arquivos produzido pelo Colegiado Setorial de Arquivos do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) para o decênio 2016-2026 e organizado anualmente pelo Arquivo Nacional, desde 2017. Tem como premissa fundamental estimular o debate por diversas instituições sobre questões relacionadas ao Arquivo e à Arquivologia. Nesta quarta edição, o tema foi: Empoderando a Sociedade do Conhecimento, proposta pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA).

O Estado da Paraíba realiza a semana através de instituições que custodiam arquivos e/ou promovem a formação de arquivistas. Porém, desde a 2ª edição, um conjunto de instituições federais, estaduais e municipal têm se reunido sob a coordenação do Grupo de Estudos Arquivísticos (GEArq) para construção coletiva do evento. Este ano participaram, a convite do GEArq, as seguintes instituições: Fundação Casa de José Américo; Ministério Público da Paraíba; Arquivo Público Estadual da Paraíba; Tribunal Regional da Paraíba; Arquivo Central da Universidade Federal da Paraíba e curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

A excepcionalidade deste ano foi a utilização de meios digitais para realização do evento, tendo em vista o momento que estamos atravessando da pandemia de Covid-19. Desta forma, o encontro ocorreu com o emprego das tecnologias da informação em mesas redondas, rodas de conversa e palestras *on line*, disponibilizadas na plataforma mundial de compartilhamento de vídeos, o Youtube.

É importante destacar que esta foi mais uma nova forma de construir e apresentar o debate acadêmico, que ocorre, normalmente, entre os muros das universidades. O receio por parte de alguns, deu lugar à inovação trabalhada neste formato. Consideramos, portanto, positiva a boa receptividade ao evento entre os que puderam acompanhar as apresentações ao vivo e aos que terão condições de assisti-la em outro momento, novamente, pois estão registradas.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) realizou, dentro da 4ª SNA, a roda de conversa com o título: EM TEMPOS REMOTOS: O ACESSO, AVANÇOS E O PAPEL DO ARQUIVISTA, em que foi discutido o papel das tecnologias nos processos de acesso aos acervos arquivísticos e neste sentido, perceber a formação do arquivista inserido no mundo tecnológico. A palestra está disponível no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=eOJZhYR3QQ&t=1626s>

De acordo com o Conselho Internacional de Arquivos (2011, p 03) “acesso é a disponibilidade de documentos para consulta como resultado tanto de autorização legal quanto da existência de instrumentos de pesquisa”. Inicialmente, os documentos, principalmente aqueles produzidos pelo Estado, tinham seu acesso restrito, disponível apenas a poucos. Atualmente, a possibilidade de acesso aos documentos, nomeadamente aos das instituições públicas fazem parte dos direitos garantidos nos marcos legais, incluída a proteção aos dados privados. Esta possibilidade de acesso aos documentos estatais permite aos cidadãos/usuários estarem informados e, portanto, mais aptos a tomarem decisões em uma sociedade informada e do conhecimento.

O acesso é a última etapa do trabalho dos arquivistas, porém todas as funções anteriores (identificação, classificação, avaliação e descrição) têm no acesso seu objetivo primordial, tendo

em vista seu papel memorialístico com diversas possibilidades de pesquisas. Neste sentido, discutir o acesso torna-se crucial para o trabalho do arquivista. Identificar as formas de acesso e o uso das tecnologias da informação como um componente importante, não só na formação como também no trabalho deste profissional.

2. AS PALESTRAS

2.1 O ACESSO REMOTO PARA ACERVOS ARQUIVÍSTICOS

Com o tema sobre o acesso remoto, o professor mestre Danilo Ferreira apresentou sua explanação a partir de dois tópicos centrais: as tecnologias da informação em tempos de pandemia e em seguida como essas tecnologias apoiam no acesso aos acervos arquivísticos.

Como primeiro ponto destacou a importância das tecnologias de informação, que são estruturadas a partir de cinco componentes: *hardware*, *software*, gerenciamentos de dados, redes e serviços. Toda e qualquer empresa, independentemente de suas atividades, necessita dessa estrutura de tecnologia da informação. Porém, o palestrante ressaltou o último, o de serviços que está baseado em demandas e necessidades das pessoas. Estas, por sua vez, foram impactadas e surpreendidas com a pandemia, haja vista que, nem as pessoas, nem as instituições estavam preparadas para a situação que passamos a vivenciar.

A pandemia impôs a todos uma nova estrutura, um ‘novo normal’. Todos, impreterivelmente, tiveram que se adaptar ao trabalho de modo remoto, com utilização massiva das tecnologias de informação. Diversos profissionais, entre eles, os professores, médicos etc, todos impulsionados para o uso das tecnologias, pois em escalas diferenciadas foram obrigados a utilizar tecnologias que já existiam, entretanto, seu uso era restrito, e ou não havia preocupações em usá-las. Como exemplo, o palestrante cita o próprio evento que está a ocorrer de maneira remota, gravada em uma plataforma da internet. E acrescenta que as próprias empresas de tecnologias tiveram que se adaptar, com novas formas de trabalho, novas formas de empreender ou mesmo novos conhecimentos.

Neste momento de pandemia, a palavra que melhor se enquadra é “adaptação”. As famílias tiveram que se acomodar a novas formas de trabalhar, estudar e conviver. As tecnologias, que antes eram utilizadas como uma forma de diversão, passaram a ser o foco principal dentro de uma residência. E neste sentido, um computador, que já era pouco para todos, demandou o aumento de banda de internet. E, em alguns casos em que esse incremento não foi possível, as dificuldades aumentaram.

O palestrante pontuou com notícias o aumento da internet por parte das empresas e famílias. Houve um crescimento das vendas eletrônicas via aplicativos, aumento do trabalho das operadoras de internet, um aumento no atendimento remoto das empresas e dos bancos. Porém, existem preocupações, tendo em vista que a tecnologia da informação pode ser ela própria fator de ampliação das desigualdades sociais. No caso das escolas e faculdades muitos alunos não tinham condições de acesso à internet ou seu acesso era restrito. A pandemia levantou diversos pontos que deverão ser discutidos pela sociedade, alguns foram realçados, pois sua existência é muito antiga, como por exemplo, o racismo, tendo em vista que as populações afrodescendentes e indígenas estão sendo as que mais sentem toda essa crise.

2.1.1 Acesso aos acervos arquivísticos

O palestrante demarcou que, neste momento, as mudanças atuam tanto na esfera pública quanto na esfera privada e os acervos e os arquivos também sentem tais alterações. O palestrante destaca o acesso sobre os documentos analógicos, digitalizados e nato-digitais. Sobre o primeiro, haverá sempre a necessidade de acesso direto ao suporte. Assim, o trabalho deve ser feito nos locais de armazenamento dos documentos.

Para os documentos digitalizados o acesso passa a ser feito de forma indireta, com uso das tecnologias (escâneres, impressoras e computador). Porém, o acesso fica mais facilitado e a possibilidade de trabalhos *home office* torna-se mais facilitado.

Para os documentos nato-digitais existem mais alguns complicadores: validade jurídica, segurança da informação e redes públicas para acesso aos sistemas das instituições. Inicialmente, pontua o palestrante, o uso dos certificados digitais, elementos importantes para a chancela dos documentos digitais que são caros e não foram massificados pelas instituições, públicas ou privadas.

O uso das atividades remotas nas empresas não havia sido massificado antes da pandemia por diversas preocupações. A princípio, as empresas têm redes privadas para acesso aos seus sistemas, sendo que o trabalho remoto, a partir das casas dos funcionários, traria uma preocupação no que se refere à segurança nas redes. Além disso, questões trabalhistas também podem ser invocadas como impeditivo de um aumento dos chamados *home office*. Neste sentido, a pandemia pode ser um impulsionador para este ‘novo normal’.

No caso dos arquivos permanentes brasileiros, podemos depreender, que em sua maioria, ainda não tenham passado por processos de digitalização e, portanto, as consultas estão suspensas ou com restrições, o que impacta diretamente o acesso dos cidadãos.

Contudo, no levantamento apresentado pelo palestrante, muitas instituições como a Fundação Osvaldo Cruz, ou a Fundação Getúlio Vargas e arquivos públicos estaduais estão, parcial ou totalmente, disponibilizando seus acervos de modo *on line*. E para isso, utilizam-se de ferramentas tecnológicas, principalmente *softwares* de acesso. Neste aspecto, é importante que as instituições custodiadoras de acervos arquivísticos iniciem projeto de digitalização ou ampliem a quantidade de documentos para este formato, possibilitando, assim o acesso remoto para um maior número de usuários.

2.2 PROJETO LEGADO DA MEMÓRIA POSTAL

O projeto Legado da Memória Postal Brasileira: curadoria do Correio Geral do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco (APEJE) foi realizado em 2018 e coordenado pelo prof. Dr. Diego A. Salcedo, líder do Grupo de Pesquisa Imago e Humanidades Digitais da Universidade Federal de Pernambuco. Teve como parceiros o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano em conjunto com a empresa 3E - 3Ecologias Inovação e Pesquisa Ltda e foi financiado a partir do edital público da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE – Projeto nº 1491/2017). Seu objetivo foi higienizar, digitalizar e disponibilizar na internet o volume primeiro da Série Correio Geral, de 1818.

Participaram do projeto profissionais de áreas como História, Computação, Arquivologia, Jornalismo e Ciência da Informação, além de estudantes do curso de Biblioteconomia da

Universidade Federal de Pernambuco. Foram realizados planejamento de cronograma, leituras e debates sobre textos técnicos, além de capacitações em Paleografia, Descrição de Termos Arquivísticos e Introdução aos *Softwares* Atom e Archivematica. No processo ficou acordado que seriam aplicadas as diretrizes do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e da Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE).

A Série Correio Geral, custodiada pelo APEJE, é composta por Ofícios da Administração dos Correios ao Governador da Capitania, Presidente da Província e Governador do Estado sobre assuntos administrativos, condução das correspondências, mapas estatísticos e receitas e despesas. Portanto, os documentos apresentam informações relevantes sobre o dia a dia de Pernambuco.

Essa Série está acondicionada em 7 encadernações, no qual abrangem mais de cem anos de registros documentais. O formato de encadernações era comum até meados do século XX, em algumas instituições, para facilitar a custódia e o acesso uma vez que estavam todos reunidos no mesmo lugar. Além disso, os distintos processos de junção e guarda de documentos foram criados ao longo do tempo com o intuito de preservá-los, sendo a encadernação, um método usado para proteger os itens documentais avulsos. Contudo, após anos de manuseio inadequado e falta de controle das condições ambientais, a série supracitada encontra-se com diversos problemas, tais como:

- **ABRASÃO:** desgaste da superfície decorrente da ação mecânica causadora de atrito. A abrasão fragiliza o material, ajudando no processo de rasgos e perdas de suporte (PAGLIONE, 2017).
- **AÇÃO CORROSIVA:** fragilidade e quebra das fibras de celulose do papel, causada pelo efeito corrosivo de elementos ácidos presentes em tintas, principalmente a ferrogálica, que apresenta grande concentração de ferro em sua composição (PAGLIONE, 2017).
- **ATAQUE DE INSETOS:** dano físico caracterizado por área com perda de suporte devido a ataques de insetos. Os insetos mais comuns que atacam materiais constituintes de livros (papel, couro, cola, tecidos) são: baratas, brocas, cupins e traças.
- **DESCOLORAÇÃO DE ELEMENTO SUSTENTADO:** Ocorre quando o pigmento do elemento sustentado (tinta, lápis, impressão etc.) sofre alguma decomposição físico-química causando esmaecimento ou alteração visual.
- **FOLHA SEPARADA:** desmembramento de um caderno ou folha do resto do miolo, causado geralmente por fragilidade do papel ou da costura que o segurava ao conjunto da encadernação.
- **MANCHA:** área do suporte de coloração ou tonalidade diferente, causada por substância que suja ou que desloca a sujeira interna do papel. Manchas podem causar danos ao papel ao inserirem substâncias de característica ácida ou catalisadoras de reações que deterioram a celulose.
- **PASTA DESTACADA:** dano físico que ocorre quando uma das pastas da capa se desprende da lombada que permanece atrelada à encadernação. Geralmente é causada por um desgaste físico do suporte.
- **RUGA:** Caracterizado pelo franzido no papel, é um dano físico causado por forças mecânicas como manuseio, acondicionamento ou choque.
- **SUJIDADE:** Depósitos superficiais ou penetrantes de sujeiras (poeira, restos de comida,

borracha, excrementos de insetos etc). Sujidades atraem insetos, fungos e podem acidificar a região em que se depositam.

Diante deste cenário e o curto tempo, optamos em iniciar as atividades deste projeto com o volume I, datado de 1818 a 1840, portanto, o mais antigo da Série Correio Geral. A escolha se deu pela importância histórica do conteúdo e pela emergência de salvaguardar o conteúdo informacional do volume, visto que as condições do material estavam em situação crítica.

Figura 1 – Condições de preservação (vol. I)



Fonte: dados do projeto (2017)

Assim, o primeiro passo do projeto foi o treinamento para o manuseio adequado dessa documentação por parte dos bolsistas, visto que o manuseio incorreto pode acarretar, danificações na documentação, inclusive, com perda de suporte e quebra total da encadernação.

Deste modo, durante o processo de digitalização foi usado um *scanner* planetário de alta tecnologia, que captava a imagem sem a necessidade da desencadernação. Ademais, a passagem das folhas era sempre realizada com um suporte de papel alcalino, visto que algumas páginas estavam quebradiças devido ao alto índice de acidez.

Outra recomendação foi o apoio à capa para que a costura não sofresse ainda mais danos. Além das recomendações citadas acima, foi obrigatório o uso de equipamentos de proteção individual durante o manuseio da documentação.

Segundo o Arquivo Nacional (2005) esta recomendação atende à manutenção da saúde de usuários e técnicos, considerando-se que no passado foi frequente o uso de inseticidas, que em muitos casos ainda preservam elevados níveis de toxidez. Outrossim, podem existir esporos de microrganismos que também podem ser fatores de contaminação e toxidez ao usuário ou ao profissional. Tratando das especificações da digitalização, destacamos que seguimos o manual de Recomendações para digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes publicado pelo Arquivo Nacional em 2010, visto a necessidade de atender a todos os requisitos da curadoria digital.

Finalizado o processo de digitalização e devolução do documento original, iniciamos as atividades de leitura paleográfica e descrição de documentos. O treinamento em Paleografia foi fundamental para compreender as informações registradas nos documentos e portanto realizar a descrição com mais qualidade. Aline Krüger (2014, p. 213) assegura que o ensino da paleografia para os arquivistas é “[...] condição importante e imprescindível para o desempenho dessa

profissão, pois além de auxiliar na leitura e interpretação de documentos, ela colabora na exata Classificação e Descrição dos mesmos”.

Iniciando a atividade de identificação, leitura e descrição foram contabilizados 314 documentos, contudo, foram processadas 453 imagens (há documentos com mais de uma página). A descrição seguiu utilizando como referência a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) e as necessidades do Arquivo Público Estadual de Pernambuco.

Visando o maior número de informações, realizamos o preenchimento de todos os campos, contudo, só foram utilizados pelo Arquivo Público os campos obrigatórios para manter a padronização das demais séries que estão sendo descritas. O Arquivo Público utiliza o Archivematica e o ICA-AtoM (LIMA, FLORES, 2016) para a preservação e acesso aos documentos, e ainda, segue com as recomendações e padrões do Conselho Internacional de Arquivos (ICA).

Como fora dito, são ferramentas gratuitas que podem ser facilmente utilizadas no processo de descrição, ampliando o uso dos diversos usuários ao longo do tempo. Finalizado os processos de digitalização, descrição e compartilhamento dos dados com o Arquivo Público, criamos uma plataforma digital para promover ainda mais a difusão e o acesso aos documentos objetos desse projeto. O conteúdo da plataforma atendeu a protocolos nacionais e internacionais de comunicação e interoperabilidade por meio do OAI-PMH, do Z39.50 e de linguagens computacionais XHTML, XML e PHP, a saber: <http://imagohd.me/memoriapostal>.

Vale destacar que a partir da execução desse projeto, foi possível uma troca de conhecimento por parte de todos os envolvidos. As atividades desempenhadas durante o processo contribuíram para a formação profissional dos participantes, por isso, destacamos a relevância da formação de uma equipe multidisciplinar, na qual inserem-se profissionais e estudantes de diferentes áreas, contudo, todas com um objetivo em comum.

2.3 A FORMAÇÃO DOS ARQUIVISTAS PARA O TRATAMENTO DE ACERVOS DIGITAIS

O palestrante Josemar Henrique inicia sua fala confirmando uma máxima da Arquivologia: o arquivista é o profissional do acesso aos documentos. O trabalho mais importante deste profissional é dar acesso aos documentos que se encontram sob sua guarda. Entretanto, para que este trabalho possa ser realizado, é fundamental que atividades preliminares sejam feitas. Neste sentido, a função do arquivista equilibra dois polos de um mesmo acervo: a gestão documental que inicia o tratamento arquivístico desde o momento em que o documento é produzido ou recebido pela instituição, finalizando com a preservação e acesso destes mesmos documentos que, após uma avaliação, foram considerados permanentes.

No processo histórico de construção destas funções o arquivista se depara com inúmeras ferramentas, porém, atualmente, as tecnologias da informação passaram a ser a principal maneira de dar acesso aos documentos. Sobretudo, nestes tempos de utilização em massa de ferramentas eletrônicas para acesso remoto aos documentos, pois, uma das modalidades de acesso aos acervos é a digitalização.

O processo de digitalização é a conversão para um formato digital, gerando o que chamamos de representante digital. E decorre de um trabalho multidisciplinar, tendo em vista que não se pode simplesmente digitalizar uma massa documental sem tratamento. É fundamental

a organização do acervo para que o processo de digitalização ocorra seguindo uma estrutura preestabelecida para cada fundo ou série documental.

Ressalte-se que a digitalização não se enquadra como uma atividade de preservação em si, mas como uma ferramenta de apoio para preservação do documento analógico. Por conseguinte, ao realizar a digitalização aumentamos o número de documentos que teremos obrigatoriamente que manter e preservar.

A digitalização está sendo utilizada em instituições, sejam públicas ou privadas como forma de facilitar o acesso ao acervo em suporte papel que se encontra nos arquivos das instituições. É importante destacar que um dos primeiros passos para iniciar um processo de criação de um representante digital é termos claro o porquê da digitalização. Essa pergunta é o primeiro passo no processo de planejamento que requer estruturação teórica e metodológica de várias áreas do conhecimento.

Portanto, para se realizar esta atividade é fundamental elaboração de um projeto inter e multidisciplinar. Não só o trabalho do arquivista, mas acrescer a participação de outros profissionais que darão apoio de acordo com as necessidades e as especificações para cada acervo.

O processo para realizar a digitalização deve passar por 3 etapas: pré-digitalização, digitalização e pós-digitalização. Cada uma destas fases necessita de um planejamento para se identificar todos os elementos que a compõem.

Na primeira fase: pré-digitalização inicia-se com a identificação dos conjuntos documentais que se irá trabalhar. Estes mesmos conjuntos deverão estar organizados, pois não adianta digitalizar sem uma organização prévia dos documentos. Esta organização vincula-se, obrigatoriamente, à gestão documental. Portanto, sem processo de gestão documental realizada pelo arquivista a etapa de digitalização deve ser descartada.

É também nesta etapa que se deve pensar todos os recursos necessários para sua realização, tendo em vista que estes recursos deverão ser estruturados, não só para a digitalização em si, mas para sua manutenção, a etapa da pós-digitalização. Os recursos humanos e financeiros são fundamentais para o encaminhamento das atividades de cada etapa.

A segunda fase passa por elementos mais técnicos, tendo em vista que se deve planejar os *hardwares* e os *softwares* para realização efetiva da digitalização em função dos documentos analógicos. Com a criação do representante digital chegamos a fase de manutenção e difusão do acervo, ou seja, apresentá-los ao mundo para que possam ser pesquisados. Além disso, devemos estabelecer a forma de armazenamento das imagens geradas na digitalização. Neste sentido, não podemos simplesmente guardar em mídias não preparadas para preservar os documentos digitalizados. Deve-se, portanto, mantê-los guardados em repositórios arquivísticos digitais.

Após esse passeio pelo processo de digitalização, o palestrante especifica que os estudantes dos cursos de arquivologia devem estar preparados para trabalharem em tais planejamentos. A formação do arquivista, em todos os componentes curriculares, refere-se em pontos que perpassam um projeto deste gabarito. Portanto, na efetivação do trabalho do arquivista ele consegue unir todos os tópicos para produzir um planejamento que enquadre as necessidades do arquivo, bem como as demandas da instituição.

3. DEBATE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento final da roda de conversas, foi promovido um debate entre os palestrantes. Para tanto, o professor Sânderson Dorneles disse que a dinâmica para a promoção das discussões seria uma pergunta para cada palestrante e uma pergunta geral para todos.

Pela ordem das falas, a primeira pergunta foi para o Prof. Danilo Ferreira e consistiu a respeito das nuvens para salvaguarda de documentos, que consiste em um novo nicho de negócios para grandes corporações de tecnologias da informação, tais como Google.

A esse respeito, o professor Danilo argumentou que esses serviços ofertados por grandes empresas como Google, Amazon e Microsoft agregam atendimento de técnicos especializados aos clientes, com mais segurança da informação e menos riscos de perdas de documentos. E considera benéfico, haja vista que as instituições, até mesmo as pequenas, possam contratar esses tipos de serviços, e assim não tenham gastos com investimento de parques tecnológicos dedicados para esse fim, de armazenamento de documentos digitais.

Contudo, o Prof. Josemar de Melo manifestou preocupação para o uso deste serviço por parte de instituições públicas, ao considerar que seria arriscado deixar documentos públicos sob a custódia de empresas privadas. E pontuou que empresas públicas de TI pudessem executar tais medidas de salvaguarda dos documentos digitais públicos. Sobre essa questão, o professor Danilo afirmou que as empresas públicas de TI podem, sim, atuar nesse ramo de serviços, embora a velocidade de preparo e oferta dos serviços não sejam iguais das empresas de capital privado.

Logo após, o professor Sânderson fez a segunda pergunta ao Prof. Diego Salcedo, a respeito dos seus projetos em desenvolvimento na UFPE. Sobre essa questão, o professor falou dos projetos de extensão que aproximam a extensão e o ensino, citando os seguintes projetos: O projeto literatura e cinema para os alunos, com temas de discursos críticos, quando são promovidos debates e reflexões; Projetos menores de um ano, que levam os alunos para ajudar nas práticas profissionais de bibliotecas e arquivos; Projeto para realizar o inventário, higienização e acondicionamento de 700 partituras manuscritas de frevo, pertencentes à banda da Polícia Militar do Estado de Pernambuco (Mestre Zuzinha), projeto este, desenvolvido em parceria com o Prince Claus Fund, ligado à família real da Holanda; e Projeto das demais partituras da banda da Polícia Militar do Estado de Pernambuco com a Universidade da Califórnia. Sobre esses projetos em parceria com instituições internacionais de fomento às pesquisas, professor Diego ressalta a agilidade e desburocratização dessas agências internacionais, baseadas em maior confiança e critérios mais objetivos, em desalinho com a realidade dos editais brasileiros que apresentam muito mais exigências.

No final de sua fala, Diego Salcedo comenta sobre as potencialidades da inteligência artificial para o auxílio aos profissionais da ciência da informação, quando exemplifica o uso de *softwares* para transliterações paleográficas, o que proporciona velocidade e tempo para realizar esse tipo de trabalho. Assim como relata sua experiência ao contribuir com Centro de Informática da UFPE com palestra sobre Ética e Filosofia da Informação para mestrandos e doutorandos, cursistas de uma disciplina pioneira na universidade, chamada de ética e inteligência artificial. E alerta que a área da ciência da informação – Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – está atrasada sobre as discussões e desenvolvimento da perspectiva da inteligência artificial em seus saberes e práticas.

Sobre os aspectos da inteligência artificial levantados por Diego Salcedo, o professor Josemar de Melo pontuou que contextualizações das pesquisas e leituras de momentos históricos, ainda, necessitam da inteligência humana. Muito embora, a parte técnica e repetitiva de fazeres dos profissionais da arquivologia sejam potencializados pela inteligência artificial.

Para complementar essas questões, o Prof. Danilo Ferreira comenta que a inteligência artificial já faz pequenas contextualizações e explica que a inteligência artificial precisa de treinamentos para desenvolver potencialidades. Seria uma curadoria por algum profissional específico daquilo que se deseja desenvolver. E salienta que a inteligência artificial vai proporcionar velocidade em afazeres, mas sempre com a curadoria e supervisão de uma pessoa.

A última pergunta individual, foi para o professor Josemar de Melo, sendo assim o mediador do debate questiona sobre o perfil atual do arquivista. Sobre isso, Josemar de Melo fala que todo o profissional deve procurar ser multifacetado, trabalhando a teoria e a técnica de forma embasadas, de acordo com as necessidades dos projetos em que estiver atuando. Para tanto, deve-se observar as demandas do mercado de trabalho, as questões sociais, por outro lado, o profissional deve ter capacidade de diálogo para poder aplicar a teoria da sua área de conhecimento.

Por fim, Josemar argumenta que somente as aulas de um curso universitário não esgotam todas as possibilidades de formação, pois deve vivenciar o dia a dia das práticas, dos estágios obrigatórios e eletivos, participações em projetos de pesquisa e extensão, bem como eventos científicos. Além disso, outro ponto considerado relevante pelo professor Josemar, é que o estudante de arquivologia deve decidir que tipo de arquivista deseja ser. A busca do profissional dependerá, em certa medida, do seu posicionamento no mundo do trabalho. E finaliza, dizendo que o futuro profissional deve continuar lendo sobre arquivologia, outras áreas afins, assistir debates sobre a área e ter formação continuada.

O acesso é o foco do profissional arquivista. Todas as suas outras funções têm como principal objetivo, disponibilizar o documento aos usuários, sejam eles internos ou externos. Neste aspecto, independente do suporte o arquivista tem que estar preparado, não só com recursos materiais, como também com conhecimentos suficientes para dispor estes documentos. Desta forma, as tecnologias sempre funcionaram como pontes entre os arquivos e seus pesquisadores. A utilização de catálogos ou de *softwares* sempre fizeram parte da formação e do trabalho destes profissionais.

Destarte, todas as falas, como pontuou o professor Sânderson Dorneles já haviam contemplado muitos dos aspectos da temática **“Em tempos remotos: o acesso, avanços e o papel do arquivista”**, pois o papel do arquivista, diante de todas as demandas das tecnologias, está na formação universitária desse profissional, do desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão para as reflexões levantadas, pois o papel da universidade é prover a sociedade com retroalimentações de teorias e práticas. Assim como, fomentar a volta de egressos e especialistas para debates e eventos da área. E um exemplo disso, é a produção deste evento e vídeo que está disponível para toda comunidade de arquivistas e profissionais interessados no tema.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. Comitê de Boas Práticas e normas; Grupo de Trabalho sobre Acesso. **Princípios de acesso aos arquivos**. 2011. Disponível em: <https://www.ica.org/sites/default/files/Principios%20pub%20eletronica.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

KRÜGER, A. C. O ensino de paleografia no curso de graduação em arquivologia da UFSC: um exercício com os documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista Ágora**, Florianópolis, v 24, n.48, p. 211-223, jan./jun., 2014.

LIMA, E. S.; FLORES, D. A utilização do ICA-AtoM como plataforma de acesso, difusão e descrição dos documentos arquivísticos de instituições públicas. **Informação e Informação**, Londrina, v. 21, n. 3, p. 207-227, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/36IRlc3>. Acesso em: 10 mar., 2017.

PAGLIONE, C. Z. **Glossário visual de conservação**: um guia de danos comuns em papéis e livros. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017.